

DATOS DEL PARTICIPANTE

Apellidos: Alves Corrêa Czeszak
Nombre: Wanderlucy
Institución: Universidade Anhembi Morumbi
Cargo: Professora de Comunicação e Expressão e
Coordenadora Pedagógica do Ensino Interativo
Dirección: Av. Nossa Senhora da Assunção, 675 Ap. 73-E Butantã
Ciudad: São Paulo – SP
País: Brasil
Teléfono: 3735-5157
E-mail: wanderlucy@uol.com.br

Tema da ponencia:

Aprendendo a se comunicar na Internet

Área Temática:

Formação e Novas Tecnologias nos países em desenvolvimento.

APRENDENDO A SE COMUNICAR NA INTERNET

Área Temática: Formação e novas tecnologias nos países em desenvolvimento

Wanderlucy A.A. Corrêa Czeszak

E-mail: wanderlucy@uol.com.br

É tempo de mudanças. Tempo de novos rumos. Tempo de novas linguagens. No entanto, é preciso que fiquemos atentos para que não nos percamos em meio a toda essa enxurrada de coisas novas. Para isso, é necessário percebermos as novas formas de comunicação que adotamos, adaptando-nos ao mundo novo, sem, contudo, abandonarmos nossas raízes lingüísticas, nossas ideologias, nossa cultura...

How r u? (how are you? – Como vai você?)

☺

☹

;-)

Acabo de ser surpreendida pelo processador do meu próprio lap-top! Não conhecia essas carinhas que aparecem um pouco acima – uma sorridente e outra aborrecida. Eu queria apenas iniciar meu texto, com aquelas carinhas improvisadas por sinais de pontuação e parênteses, que utilizamos no dia-a-dia, em frente à tela do computador, conhecidas por todos aqueles que navegam na Internet.

Minha surpresa de agora há pouco só faz reforçar em mim a certeza de que não é apenas a informática que não pára de sofrer mudanças.

É sabido que o mundo da informática anda a galope desde que surgiu o primeiro computador e que quando compramos um novo computador de última geração, dentro de poucos meses (ou semanas!), já há algo mais moderno sendo lançado no mercado e, aqueles que gostam de estar sempre na crista da onda, se frustram, percebendo que é bastante difícil acompanhar o mercado desse vertiginoso carrossel cibernético.

Também a língua muda constantemente. Ela pulsa como um ser vivo, já que ela é um meio de comunicação utilizado entre seres vivos. “Toda língua muda” (Bagno, 2000:22), e essas mudanças não se dão apenas por conta de variações geográficas e situacionais. Elas também mudam com o passar do tempo. Vemos, assim, que a informática tem uma companheira em seu galope: a língua. A diferença é que enquanto aquela faz um

tremendo estardalhaço enquanto se modifica, aparecendo em reportagens, jornais e revistas, especializadas ou não, esta se modifica sorrateiramente, quase que na surdina, fazendo com que poucos se dêem conta de suas mudanças.

A primeira vez que entrei numa sala de bate-papo, senti-me um peixe-fora-d'água, uma estrangeira, com a sensação de que jamais conseguiria comunicar-me com aquelas pessoas sem rosto, que utilizavam uma língua estranha, repleta de sinais e abreviações. “Que país é esse?”, como dizia o nosso bom e velho Renato Russo. Nenhum. Ou todos. Não foram necessárias mais do que duas ou três conexões, para que eu já me sentisse em casa. Para apropriar-se de uma nova língua, basta inserir-se no meio que a utiliza. Sabemos que existem língua falada e língua escrita e que elas apresentam diversas diferenças entre si, e que “as regras de sua efetivação, bem como os meios empregados, são diversos e específicos, o que acaba por evidenciar produtos diferenciados” (Marcuschi, 1986:62).

A língua utilizada na Internet pode ser classificada como uma terceira modalidade – a língua digitalizada, que apresenta as marcas do discurso oral, ainda que também seja escrita.

No entanto, é importante ressaltar que numa sala de bate-papo, você está ali apenas para bater papo, como o próprio nome já diz. É um ambiente que se caracteriza pela liberdade de expressão, pela descontração e, sobretudo, pelo descomprometimento. Ninguém sabe quem você é.

A situação se apresenta de forma diferente quando o assunto é EAD. Você se matricula num curso com objetivos mais definidos, em busca de conhecimentos, especializações e certificados. Além disso, muitas vezes essa relação envolve dinheiro, já que muitos dos cursos não são gratuitos. Todos esses fatores determinam um novo comportamento do indivíduo, tornando-o um falante mais tenso, por vezes, sem a espontaneidade das salas de bate-papo, pois ele sabe que estará sendo observado, avaliado. Em um curso virtual, ele pode não ter um rosto, mas ele tem um nome.

É bem verdade que outra diferença entre o curso virtual e a sala de bate-papo é que na segunda, seu discurso se apresenta em tempo real, e na primeira, seu discurso, na maioria das vezes, lhe possibilita momentos de reflexão, já que são textos enviados em forma de relatórios, solicitações e depoimentos para tutoria, monitoria, fóruns etc. Ainda assim, é uma situação que apresenta peculiaridades, porque muitos desses textos que o aluno envia, se fosse o caso de um curso presencial, não seriam textos escritos, já que boa parte de sua participação em sala se dá oralmente, podendo ele fazer uso de outros tipos de linguagem, como os gestos, as expressões faciais, a entonação de voz. Em sala de aula presencial, ele tem resultados instantâneos da avaliação daquilo que ele diz, por meio da expressão facial do professor e dos colegas, bem como das possíveis inferências e refutações destes e daquele.

No curso virtual, ele se vê sozinho diante da tela do computador, dependendo apenas do poder da sua palavra escrita, sem o constante acompanhamento de aprovação ou reprovação dos olhares dos colegas e professor. Sem saber quando sua abordagem está em concordância com o contexto, ou se é preciso mudar de direção.

Daí a sensação de solidão que os educadores virtuais tentam contornar por meio dos recursos tecnológicos, como animação das imagens, sons, promoção de chats, fóruns e tantos outros canais que buscam fazer com que o aluno interaja com a turma, pesquise sites, ampliando seu repertório. “O aluno deve assumir (...) uma postura ativa; para que

isto ocorra, não basta que apenas sua competência lingüística seja trabalhada, mas sua competência comunicativa” (Fávero, 1999:116), colocando-se a sua disposição outros tipos de linguagem oferecidos pelo espaço cibernético.

Refletindo sobre a fala de Moran (2000:63):

“Ensinar com novas mídias será uma revolução se mudarmos simultaneamente os paradigmas convencionais do ensino, que mantém distantes professores e alunos. Caso contrário, conseguiremos dar um verniz de modernidade, sem mexer no essencial. A Internet é um novo meio de comunicação, ainda incipiente, mas que pode nos ajudar a rever, a ampliar e a modificar muitas das formas atuais de ensinar e de aprender.”

Conclui-se que o essencial já está mudado, bem como a natureza da distância entre professor e aluno. Novos aspectos vão sendo detectados. Temos, agora, de buscar formas de trabalhar com essas mudanças, tornando-as positivas para o processo de ensino e aprendizagem.

Tenho observado em minha recente experiência como tutora de curso virtual, que a solidão do aluno diante do computador faz com que ele deixe fluir de forma mais espontânea suas ideologias, em decorrência da ausência da *feedback* imediato da sala de aula presencial, que possa reprimi-lo ou redirecioná-lo.

Como bem aponta Fiorin (1998:76), “a linguagem é, ao mesmo tempo, autônoma em relação às formações sociais e determinada por fatores ideológicos. Por isso, o lingüista deve distinguir níveis e dimensões em que existe relativa autonomia e níveis e dimensões que sofrem coerções ideológicas. Em nosso ponto de vista, a determinação ideológica revela-se, em toda sua plenitude, no componente semântico do discurso. As formações ideológicas presentes numa dada formação social determinam formações discursivas. Estas materializam aquelas. Estabelecem-se conjuntos de temas e de figuras com que o ‘indivíduo’ fala do mundo exterior e interior.”

Dessa forma, o aluno do curso virtual se revela isoladamente, sem sofrer influência do grupo, deixando à mostra seu repertório sedimentado, excluía a possibilidade imediata de manifestação enquanto grupo.

Diante dessa situação nova e confusa que se nos apresenta, a linguagem acaba desempenhando papel fundamental. É ela que nos possibilitará travar contato com o aluno que se encontra na outra ponta da rede.

Pouco habituado a expressar-se exclusivamente por meio da escrita, o aluno do curso virtual tem dificuldade de se expressar. Muitas vezes, seu texto é confuso, impedindo-o de expor suas idéias de forma ordenada.

Como o ensino a distância nos direciona à comunicação por meio de produção de textos escritos na maior parte do tempo, como forma de avaliação, há uma demanda maior da capacidade de compreensão e interpretação de textos escritos por parte do aluno. E nosso aluno, carente de leitura da escrita, se vê um pouco perdido. Há o receio - com fundamento - de não conseguir se comunicar de forma adequada, tanto no que diz respeito à forma quanto ao conteúdo, ou seja, tanto quanto à adequação do nível de linguagem utilizado, como à correspondência entre o que se pretende dizer e o que se diz efetivamente. Ele não se sente capaz de expressar-se corretamente e, muitas vezes, ele de fato não o é.

É preciso que se desenvolvam atividades de leitura e análise de textos. Importante ressaltar que a palavra *texto* aqui utilizada, abrange todo e qualquer tipo de texto, seja ele verbal ou não: cinema, teatro, publicidade, artes plásticas, música etc. Por meio de

recursos da Internet, pode-se rapidamente acessar um vasto acervo de sites bastante variados. Na medida em que o aluno entrar em contato com todo tipo de texto por meio do ambiente virtual, por meio das tantas ferramentas que ele oferece, ele vai tomando conhecimento das muitas possibilidades de expressão. A produção de textos por parte do aluno acaba se dando como uma consequência desse processo. Ele produzirá textos como forma de expressar suas opiniões e seus pontos de vista frente a novas linguagens com as quais ele vai entrando em contato. É importante que o aluno tome consciência de que os textos que ele vê são possibilidades de expressão do mundo que nos cerca e que o texto produzido por ele poderá ser mais uma dessas tantas possibilidades de expressão.

A tecnologia oferece subsídios que nos auxiliam em produções bem elaboradas, sem que sejamos geniais. Mas é claro que para isso é necessário dedicação, pesquisa, percepção, que podem ser desenvolvidas por meio do trabalho do professor e do aluno. De qualquer forma, as ferramentas do universo da informática diminuem a distância entre o homem e a capacidade de criação. E é importante conscientizar o aluno a esse respeito.

No primeiro momento em que entramos em contato com o universo virtual, ficamos deslumbrados e encantados com suas inúmeras possibilidades de aplicação. Num segundo momento, nos frustramos um pouco com nosso desempenho limitado. É preciso que, como educadores, auxiliemos o aluno a avançar para o terceiro momento, no qual percebe-se que o computador não nos permite tudo, mas ele nos permite que façamos muito mais do que nos imaginamos capazes.

Como bem observa Steven Johnson (2001:152), “como sempre, ‘a rua descobre novos usos para as coisas’. O notável aqui não é que a rua se aproprie da tecnologia, mas que seja tão difícil prever essas apropriações. É como se o choque penetrante, luminoso, da revelação – o momento do eureka da mitologia de todo inventor – trouxesse consigo certa obnubilação, um fulgor que ofuscasse tanta informação quanto revelasse. O sujeito (...) prevê a ascensão do computador pessoal, mas toda a serventia que consegue imaginar para ele é o arquivamento de receitas culinárias. É a difícil negociação da vida na véspera de mudanças do paradigma *high tech*: a pessoa é abençoada com certa iluminação técnica, mas tem dificuldade em ver muito além dessa compreensão fulgurante. Cegueira e clarividência – não é possível ter uma sem uma boa dose da outra.”

É inegável que a tecnologia caminha a passos bem mais largos do que nossos costumes, nossa vida em sociedade. São dois pontos extremos, são duas naturezas estranhas entre si que, se devidamente combinadas, podem formar uma bela parceria, tornando nosso dia-a-dia mais agradável, mais prático, mais enriquecedor. Mas é preciso cautela para que não percamos de vista nosso eu. A tecnologia é apenas mediadora. Ela é um meio, não um fim. A essência está em nós. Cabe à educação o papel de fazer esse *link*.

BIBLIOGRAFIA

BAGNO, M. Novela Sociolinguística, São Paulo, Contexto, 2000.

FÁVERO, L.L. et alli. Oralidade e Escrita, Cortez, São Paulo, 2000.

FIORIN, J.L. Linguagem e Ideologia, São Paulo, Ática, 1998.

JOHNSON, S. Cultura da Interface, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2001.

MARCUSCHI, A.L. Análise da Conversação, São Paulo, Ática, 1986.

MORAN, J. M. et alli. Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica, São Paulo, Papyrus, 2000.